

Trazendo o Passado para Iluminar o Presente: A Atualidade Atemporal de “The Boys in the Band”

Lucas Melo Rodrigues de Sousa¹

Resumo: Em "The Boys in the Band," dirigido por Joe Mantello e disponível na Netflix, a trama se desenrola durante uma festa de aniversário na Nova York dos anos 60, onde um grupo de amigos gays se reúne. A atmosfera inicialmente festiva transforma-se em uma exploração intensa de questões cruciais, como identidade, aceitação e o constante desafio do estigma social.

Palavras-chave: Aceitação. Estigma. Identidade.

¹ Especialista em Direito do Trabalho e Previdenciário, bem como em Direito Processual Civil, formado pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Atualmente está cursando uma especialização em Ensino Superior na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. lucasmelo@yahoo.com; <https://orcid.org/0000-0002-9718-8075>.

A adaptação de *The Boys in the Band* para o Netflix foi divulgada com manchetes que sublinham um pequeno detalhe: os personagens gays estavam sendo interpretados, pela primeira vez, por um elenco inteiro de homens célebres e também abertamente gays. Entre os nomes temos Jim Parsons, Zachary Quinto, Matt Bomer; enfim, nomes que estão diretamente nas trincheiras da mídia especializada, o que acabou provocando esse tipo de atenção. Pode parecer loucura que manchetes como essa ainda sejam usadas em 2020 como forma de atrair cliques. Mas o fato é que a homossexualidade ocupa uma posição de debate, de nascente cultural e ainda de curiosidade.

Dirigido por Joe Mantello e disponível na Netflix, é uma adaptação moderna da peça teatral homônima de Mart Crowley, já levada às telonas por William Friedkin em 1970. Ambientado no final dos anos 1960, o filme apresenta um grupo de amigos gays que se reúnem para comemorar um aniversário, mas a festa toma rumos inesperados, revelando conflitos profundos e questões de identidade.

A escolha de manter a trama de "*The Boys in the Band*" no contexto de 1968 e não atualizá-la para o ano de 2020 foi estratégica, parte de um plano maior para explorar como o anacronismo poderia dialogar com a reconstrução de uma era que, apesar de parecer oposta, revela-se simultaneamente complementar à nossa. Em 2024, a comunidade LGBTQ+ pode enfrentar menos desafios sociais do que em 1968, contudo, a persistência do ódio e da opressão cria um cenário onde os conflitos e as fraturas internas continuam a moldar comportamentos e emoções, formando uma espécie de loop que padroniza as experiências daqueles que enfrentam tais realidades.

Diferentemente de cenários onde os personagens seriam agredidos ou humilhados nas ruas, "*The Boys in the Band*" explora o que esses indivíduos carregam consigo para dentro de casa. O roteiro revela as marcas psicológicas, os dilemas internos e as cicatrizes emocionais que surgem como resultado das pressões sociais e do peso das expectativas, mesmo quando não há agressões físicas explícitas.

O poder do texto é evidente e torna possível a existência do espetáculo teatral dentro de um único cenário: a sala da casa do sarcástico Michael, interpretado por Jim Parsons.

A festa, que à primeira vista prometia ser animada, se desenrola rapidamente em uma intrincada rede de emoções e conflitos. O ambiente festivo, inicialmente preenchido por risos e camaradagem, se converte em um terreno propício para a exploração de questões profundas relacionadas à identidade, autoaceitação e relacionamentos.

A revelação desses conflitos é crucial para o desenvolvimento da narrativa, pois contribui para a desconstrução de estereótipos e aborda a diversidade de experiências dentro da comunidade gay. Cada personagem lida de maneira única com as pressões sociais, familiares e internas, criando um mosaico de perspectivas que enriquece a trama. Essa reviravolta não apenas mantém a atenção do espectador, mas também proporciona uma reflexão mais profunda sobre a natureza humana e as dinâmicas sociais da época.

Os diálogos intensos exploram a interseção entre amizade, amor e a busca por conexões genuínas, proporcionando uma visão crua das complexidades das relações interpessoais na comunidade LGBTQ+.

A busca pela identidade autêntica em um mundo muitas vezes intolerante e a luta pela aceitação de si mesmo continuam a ser temas universais. O filme ressoa com um público contemporâneo, oferecendo uma reflexão atemporal sobre as complexidades da jornada pessoal, independentemente da orientação sexual.

A coleção de silêncios eloquentes que permeia a narrativa do início ao fim possui raízes profundas, originadas de uma existência onde a segurança reside em não ultrapassar fronteiras. Há um jogo em andamento, e aqueles que conhecem suas regras conseguem navegar com danos mínimos. "abafe a voz", "contenha os gestos", "abandone demonstrações públicas de afeto", "entenda que o amor não é

incondicional"... Convivemos em um cenário onde alguns heterossexuais acreditam que a modernidade concedeu privilégios às minorias.

Em suma, "The Boys in the Band" na Netflix é uma ressonante revisitação de uma obra clássica que mantém sua relevância ao abordar temas universais de identidade e aceitação. A direção habilidosa, performances marcantes e a poderosa mensagem tornam o filme uma experiência cativante e reflexiva para o público contemporâneo.

Referências

THE BOYS IN THE BAND. Direção de Joe Mantello. 2020. Estados Unidos: Netflix.

Bringing the Past to Illuminate the Present: The Timeless Relevance of "The Boys in the Band"

Abstract: In "The Boys in the Band," directed by Joe Mantello and available on Netflix, the plot unfolds during a birthday party in 1960s New York, where a group of gay friends gathers. The initially festive atmosphere transforms into an intense exploration of crucial issues such as identity, acceptance, and the constant challenge of social stigma.

Keywords: Acceptance. Stigma. Identity.

Recebido: 27/01/2024

Aceito: 05/03/2024